



Aponte a câmera do celular para o QR Code e assista a um vídeo gráfico sobre os bombardeios a Hiroshima e a Nagasaki



Aponte a câmera do celular para o QR Code e assista a um vídeo sobre a vigília da noite de sábado

Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172



9 • Correio Braziliense • Brasília, segunda-feira, 4 de agosto de 2025

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Oitenta anos depois do bombardeio nuclear à cidade japonesa de Hiroshima, dois hibakushas (sobreviventes) relatam ao **Correio** como escaparam com vida na manhã de 6 de agosto de 1945 e falam sobre o risco da proliferação atômica para o planeta

O dia em que o Sol caiu

» RODRIGO CRAVEIRO

Quem sobreviveu àquela manhã de 6 de agosto de 1945 tornou-se uma memória ambulante do dia em que Hiroshima se transformou no inferno. Mesmo 80 anos depois, os hibakushas e descendentes de primeira geração trazem marcas profundas do primeiro bombardeio nuclear da história. Também se transformaram em pacifistas por direito, defensores da não proliferação atômica. O **Correio** entrevistou dois sobreviventes da bomba atômica e a filha de Takashi Morita, presidente da Associação Hibakusha Brasil pela Paz. Em 2024, a ONG Nihon Hindankyo, que representa as poucas vítimas ainda vivas, foi laureada com o Nobel da Paz — uma das maiores distinções.

Com a saúde abalada, Kunihiko Bonkohara, 85 anos, aceitou o convite da Prefeitura de Hiroshima para viajar de São Paulo ao Japão e participar das cerimônias desta semana. “Eu tinha cinco anos e meu pai me protegeu. De manhã, ele iria ao centro de Hiroshima. Fazíamos parte de uma comunidade que prestava serviço voluntário, abrindo vãos entre as casas, para que as bombas incendiárias não queimassem os imóveis. Meu pai pediu que eu ficasse com ele no escritório, enquanto minha mãe e minha irmã foram ao centro”, contou Bonkohara, com a ajuda de Yasuko Saito, 78, filha do também sobrevivente Takashi Morita, falecido em agosto de 2024, aos 100 anos.

Segundo Bonkohara, o pai cobriu-o com o corpo no momento da explosão e teve as costas perfuradas por estilhaços de vidro. “Moradores o lavaram em um córrego. Depois, meu pai me colocou sobre a bicicleta e fomos procurar os corpos da minha mãe e da minha irmã. Nunca mais as encontramos. Apesar de muito novo, eu consigo me lembrar de uma cena. Hiroshima era banhada por sete rios. Todos eles estavam repletos de pessoas machucadas e procurando por água”, relatou ele. “Os corpos ficavam boiando nos rios.”

Com 12 tripulantes, o bombardeiro B-29 Enola Gay, da Força Aérea dos EUA, despejou a bomba “Little Boy” (“Pequeno Garoto”), às 8h15 (hora local) de 6 de agosto de 1945. O artefato explodiu a 600m de altura, e a detonação gerou uma bola de fogo de 274m de diâmetro. Dentro da nuvem de cogumelo, a temperatura atingiu 3.871 graus Celsius, evaporando pessoas e animais e derretendo prédios. A onda expansiva e radioativa viajou a 1.583km/h. Pelo menos 70 mil pessoas morreram instantaneamente.

Moradora de São Paulo, Junko Watanabe, 82, era uma criança de dois anos e escutou dos pais como sobreviveu. “Era um lindo dia de verão. Minha mãe segurava meu irmãozinho em frente à nossa casa. Ele era dois anos mais velho que eu. Brincávamos em frente ao santuário local. Às 8h15, um vento forte soprou repentinamente e toneladas de papel carbonizado caíram. Surpresa, minha mãe veio rapidamente nos buscar. Foi então que comecei

Richard A. Brooks/AFP



O Domo da Bomba Atômica, no centro de Hiroshima, fotografado durante o anoitecer: símbolo maior da hecatombe nuclear

Roberto Sungi/Assessoria de Comunicação do Centro Paula Souza



Da esquerda para a direita: Yasuko Saito, Morita, Kunihiko Bonkohara e Junko Watanabe

a cair uma chuva negra. Acabamos contaminados pela radiação”, disse, por telefone. “Depois disso, tive diarreia, que piorava a cada dia. Meu corpo não conseguia reter alimentos, e meus pais se conformaram com o fato de que eu não sobreviveria. Graças a Deus, ainda estou viva.”

Watanabe mudou-se para o Brasil aos 24 anos e retornou ao Japão aos 38. Só então soube que era uma hibakusha e que tinha sido vítima da chamada “chuva negra”. Ela teme que o pesadelo se repita. Em 2003, entrou para a Associação Brasileira pela Paz dos Sobreviventes da Bomba Atômica, fundada em 1984. “A situação global é de guerra. Pessoas matam umas às outras

sem hesitação, e a ameaça do uso de armas nucleares tem sido usada para incutir medo. Nós, hibakushas, sabemos, física e mentalmente, o que são essas armas. Líderes mundiais continuam a fabricar esse arsenal, chamando-o de ‘dissuasivo’. As armas nucleares são invisíveis, inodoras, intangíveis e contêm radiação. Se fossem usadas, as pessoas que as lançaram também sofreriam, e seria impossível trazer a paz para a humanidade”, advertiu.

Desde Hiroshima, onde também participará das cerimônias na quarta-feira, Yasuko Saito contou que tanto o pai quanto a mãe são hibakushas. “Minha mãe era uma funcionária pública de 20 anos. Meu pai

tinha 21 e era policial recém-formado do Exército japonês. Eles estavam a menos de 1.500m do hipocentro da explosão. Minha mãe estava na repartição e meu pai escoltava um grupo de trabalhadores que construíam um abrigo antiaéreo em uma colina próxima”, afirmou, por telefone.

Saiko disse que os pais faziam questão de transmitir aos filhos o que viveram naquela manhã. “Por ser policial, meu pai precisou ficar em Hiroshima até que a condição física dele não permitisse. Então, foi internado em um hospital improvisado em uma escola. Ele passou dias e noites no hipocentro. O prédio em que trabalhava foi um dos únicos que não se incendiou. Ele nos contou que viu um bondinho lotado de passageiros pegar fogo”, lembra a filha. Ela confidenciou o temor de que Hiroshima e Nagasaki se repitam. “A ganância humana parece não ter limites. Meu pai, pouco antes de morrer, com 100 anos, dizia que os sobreviventes não trabalharam o suficiente para conscientizar a população sobre as guerras.”

Brasília

Entre 6 e 15 de agosto, a Embaixada do Japão promoverá a exposição “80 anos de Hiroshima e Nagasaki — Inspirando a Cultura da Paz”, no Salão Negro do Congresso Nacional. A mostra reúne coleções de painéis informativos, cedidas pelo Museu do Memorial da Paz de Hiroshima, traduzidas e apresentadas pela embaixada, com o apoio do Instituto Paulo Kobayashi. Será uma oportunidade para que o público conheça histórias como a de Sadako Sasaki, criança que se tornou símbolo de resistência, ao morrer pelos efeitos da radiação. A visita, gratuita, pode ser feita das 9h às 17h.

Depoimento

NASM



Van Kirk (E) e Paul Tibbets (D) no Enola Gay, em 2005, em museu

Quando o navegador do Enola Gay falou ao Correio

Há exatos 20 anos, no 60º aniversário do ataque nuclear, eu me propus a entrevistar um dos tripulantes do Enola Gay, o bombardeiro B-29 que lançou a “Little Boy” sobre Hiroshima. Depois de fazer uma pesquisa no Google, descobri que o único tripulante vivo morava em um asilo na cidade de Stone Mountain, no estado americano da Geórgia. Como a cidade tinha pouco mais de 6,5 mil habitantes, foi fácil deduzir que haveria apenas um asilo ali. Depois de nova busca na internet, consegui o telefone do asilo e, minutos depois, Theodore “Dutch” Van Kirk estava do outro lado da linha. Com a voz firme, o navegador do Enola Gay não demonstrou qualquer arrependimento. Mas também manteve-se algumas vezes na defensiva.

Van Kirk afirmou que começou a receber instruções para o bombardeio depois do primeiro teste com a bomba nuclear, em 16 de julho de 1945. “Foi uma das missões mais fáceis da minha vida”, contou-me. “Se tivéssemos as mesmas condições com que trabalhamos naquele dia, com certeza eu faria tudo de novo.” Ao ser questionado se sentia algum pesar pelo que fez, ele respondeu: “Jamais me arrependi. Nós jogamos a bomba para terminar com a guerra. Havíamos advertido os japoneses a aceitarem a rendição incondicional, mas nos ignoraram”. O ex-militar americano também me disse que “a bomba atômica salvou muitas vidas”. No mesmo ano da entrevista, ele se encontrou com Paul W. Tibbets, o comandante da missão de bombardeio a Hiroshima, e com Morris Jeppson, responsável por armar o avião. O trio posou para foto no cockpit do Enola Gay, exposto no Smithsonian National Air and Space Museum. Van Kirk morreu em 28 de julho de 2014, no mesmo asilo. (RC)

JUBILEU DA ESPERANÇA

“Encontramos a verdade no amor”, diz papa aos jovens fiéis

» RONAYRE NUNES
ENVIADO ESPECIAL

Roma - Eram pouco depois das 2h de ontem, quando milhares de peregrinos do mundo inteiro foram acordados pela chuva que caiu sobre o cãmpus de Tor Vergata, acentuando a fria noite de Roma. O local abrigava a vigília do Jubileu da Esperança 2025 durante a madrugada. Os fiéis dormiam ao relento, mas satisfeitos, após escutarem as palavras do papa Leão XIV na noite de sábado. Na missa de domingo, o pontífice dirigiu-se aos jovens, com a missão de transformar a rigidez do ensinamento milenar católico em algo que fizesse sentido para as novas gerações. Segundo informações do Vaticano, a celebração reuniu cerca de 1 milhão de pessoas, em sua maioria adolescentes.

A missão do líder da Igreja Católica foi bem-sucedida. Leão XIV focou-se em temas urgentes para os jovens, como “amor” e “futuro”. “A plenitude da nossa existência não vem daquilo que acumulamos. Consumir não basta; precisamos levantar os olhos e perceber que tudo tem sentido na realidade do mundo”, declarou. “Nós fomos criados para ser grandes, e nenhuma bebida ou vício nos dará isso. Olhe a

verdade e a grandeza no seu coração” — foi outra frase, efusivamente aplaudida, proferida por Leão XIV. Em diversos momentos, o papa reforçou que os jovens têm um lugar na Igreja e que a certeza de um futuro pacífico viria do “exercício da fé”. “Jovens, vocês são a certeza de um futuro melhor, um futuro de fraternidade. E, na vida, onde tudo é efêmero, encontramos a verdade no amor”, defendeu.

A maioria dos peregrinos no Jubileu da Esperança 2025 era composta por jovens de diferentes países, que respondiam ao chamado feito ainda pelo papa Francisco, agora acolhido por Leão XIV. O **Correio** acompanhou um grupo de peregrinos de Brasília ao Vaticano para vivenciar o Jubileu na prática. A experiência dos católicos da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, localizada na Asa Sul, foi especial. Pouco antes da viagem, os fiéis foram vítimas de um golpe aplicado por uma agência de peregrinação, mas conseguiram seguir rumo ao Jubileu com o auxílio da comunidade Obra de Maria.

Duas vertentes chamam a atenção em um evento dessa magnitude. A primeira, definitivamente, é a força de vontade de milhares de pessoas para realizar a

peregrinação. A segunda é a percepção de que o catolicismo está conseguindo se reinventar para as novas gerações.

São quilômetros caminhando sob calor extremo — após enfrentar a insuficiente infraestrutura de transporte público de Roma. A rotina exaustiva, às vezes, encara com fome e sede, não é desculpa para desânimo ou ficar “com o coração pesado” — expressão que designa ações de má vontade ou feitas de forma egoísta. Pelo contrário, os peregrinos extraem uma lição do cansaço e das orações, transformando a experiência em crescimento pessoal.

Aquela ideia de um catolicismo ultrapassado — ou mesmo em retração — é desconstruída pela imagem de milhares de jovens de todo o planeta que celebram o movimento jubilar. “Tem sido uma das melhores experiências da minha vida. Foi muito difícil chegar aqui, mas creio que tudo isso faz parte de um plano muito grande de Deus para mim. Tem sido muito importante tudo que estou vivendo, tanto para a minha experiência pessoal quanto para a minha vida”, afirma a estudante Maria Isabel Cordeiro, 18 anos.

*O repórter viajou a convite da comunidade Obra de Maria

Ronayre Nunes/CB/D.A. Press



A bordo do papamóvel, Leão XIV cumprimenta fiéis, ao chegar à missa, em Roma